



Anne Carrari mantém um perfil no Instagram, onde criou uma rede de apoio para compartilhar informações sobre cânceres ginecológicos

que vivem com câncer. Estamos fortalecendo o pipeline na ciência relacionada ao sistema imunológico, no uso da genética humana e em tecnologias avançadas. Nosso foco inicial no país são os cânceres ginecológicos”, afirmou Deborah Soares, head de Oncologia da GSK Brasil.

Difícil detecção

Mesmo sendo uma condição ginecológica, o câncer de ovário não tem relação com infecções sexualmente transmissíveis e, por isso, não pode ser identificado pelo exame papanicolau, como o câncer de colo de útero, por exemplo. Segundo Fernando Maluf, os reais fatores de risco estão relacionados à predisposição genética, ao histórico reprodutivo e à obesidade.

Esses são fatores que também aumentam a predisposição ao câncer de endométrio, condição que se relaciona à síndrome do ovário policístico e à infertilidade, mas também sem nenhuma correlação com infecções sexualmente transmissíveis.

Os sintomas são mais aparentes, como sangramento vaginal e corrimento vaginal branco ou amarelado (leucorreia) no período pós-menopausa — fase em que a doença se manifesta na maioria das vezes. Com o aparecimento de sintomas, o médico ginecologista precisa ser rapidamente procurado e o tratamento aconselhado continua sendo a cirurgia. Por ser fácil de identificar no diagnóstico precoce, as chances de cura são maiores que 90%.

A Oncoguia, uma das ONGs em que Anne é voluntária, é um portal para pacientes com câncer. “Apoia, informa e defende os pacientes”, afirma. Eles oferecem serviços como número de telefone para orientações e suporte dos pacientes, grupos exclusivos no Facebook, rodas de conversa, lives, palestras e campanhas, além de vídeos e textos informativos sobre diversos assuntos da área.

Luciana Holtz, fundadora e presidente do instituto, explicou um pouco sobre a parte exclusiva da ONG para acolhimento e troca de informações de mulheres com cânceres ginecológicos. A importância de dar suporte emocional para essas mulheres está diretamente ligada aos impactos que ultrapassam a esfera da saúde física.

Os efeitos colaterais, como mudanças corporais e perda de cabelo, por exemplo, influenciam na conexão com o feminino e na autoestima dessas pacientes. Além do afastamento da maternidade e todas as outras consequências que atingem diariamente a saúde mental delas.

“Eu queria que elas pudessem me encontrar na hora que pesquisassem isso, assim como eu buscava encontrar alguém sete anos atrás.”

Anne compartilha diariamente a caminhada pela ressignificação da vida após se deparar com a sua finitude. Além de administrar o perfil, participa do movimento Todos juntos contra o câncer, é voluntária em Organização Não Governamentais, como a Oncoguia, e ministra lives, palestras, fóruns e campanhas pela causa.

Diagnóstico e tratamento

Todo aumento repentino do volume abdominal, desconforto na região e alteração drástica do hábito intestinal deve ser motivo de suspeita. Depois de identificado os sintomas pela própria paciente, o protocolo é a realização de exames clínicos, seguido por exames de imagem e de sangue. Com a confirmação do diagnóstico nas três etapas, a cirurgia é, muitas vezes, indicada como a primeira opção de tratamento, antes mesmo da biópsia, para agilizar o processo, eliminando o tumor.

Quando a cirurgia não é factível para a situação, ou para o momento, a biópsia é realizada e outros métodos de tratamento são oferecidos para as pacientes. Nos últimos anos, as terapias tiveram avanços significativos — os maiores dos

últimos 20 anos, segundo Fernando Maluf.

A oncologista Tatiana Pires, da biofarmacêutica GSK, explica que os estudos PRIMA e NOVA analisam, desde 2016, novos tipos de medicamentos, tanto para pacientes diagnosticadas em primeira linha quanto em pacientes com a doença recorrente — que seriam submetidas a múltiplas sessões de quimioterapia.

Os inibidores de parp — medicamento analisado por esses estudos — são uma nova alternativa de tratamento. De uso oral ou infusional, eles atuam inibindo as enzimas parp, presentes na via de atuação das mutações dos genes BRCA1 e BRCA2, evitando a multiplicação, eliminando as células cancerosas e com menos efeitos colaterais que as quimioterapias tradicionais. Os resultados vêm sendo promissores e trazem esperança na luta pelo tratamento, explica Tatiana.

A GSK lançou nas últimas semanas o Jemperli (dostarlimabe), inibidor indicado para o tratamento do câncer de endométrio. Essa é a segunda terapia para tratamento dessa condição da biofarmacêutica. Em 2021, já havia sido aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) o primeiro inibidor da marca, o Zejula (niraparibe), esse para o tratamento do câncer do ovário.

“Nosso portfólio busca oferecer benefícios verdadeiramente transformacionais para as pessoas

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**